



POÉTICA DO DESPOJAMENTO III

Fábio Lucas

Antônio Fernando De Franceschi reúne em *Sete Suítes* (S. Paulo: Companhia das Letras, 2010) conjuntos de poemas de aparente unidade temática. Cada segmento sob o indicativo de “suíte”, palavra que propõe a conexão da poesia com a música.

O poeta, no entanto, constrói os poemas sob o princípio da economia de meios. Ou seja: tira efeito da escassez.

A obra se abre pela “Suíte de Pirassununga”. Evocação especial carregada de memória afetiva, das primeiras experiências de formação. Junta-se ao painel o rito das celebrações. Ocorrem vocábulos de objetos e de práticas em desuso. Revitaliza-os a nostalgia da infância retratada pelo poder das palavras em arranjo poético. Para isso, muitos são os convidados, mas poucos os escolhidos. Os verdadeiros poetas, naturalmente. Como diz o poema “Verão 1949”:

“tarde de outono
desmaiando cedo:
já vinham as dobras da noite
com suas cortinas sem jaça
quem alcança redimir
ileso
de culpa ou peso
o afago impuro?”

Na “Suíte Asa e Vento” espande e se alteia o “eu poético”, com as suas vicissitudes. Daí que o poema “Natal” não se enquadre na linha festiva, mas tome a direção oblíqua:

“da hora nua
esta
não tiro efeito
nem qualquer resposta”

O poeta é crítico, projeta-se na paisagem literária pós-baudelairiana, pós-rimbaud. Era da dessublimização da arte, ope-

rada pela sociedade de massa. Não é raro que as articulações do prosaico, como a ironia, o sarcasmo e a paródia, se ajustem à música mais rara.

Talvez a arte prolifere nesse campo minado, traiçoeiro, como um protesto contra a desumanidade, contra o ruidoso espetáculo da sociedade massificada, de olhos vendados para a estrutura repressiva.

Hoje em dia, a fim de se conquistar o acatamento público, está afastada a hipótese de regramento ou de submissão a qualquer cânone, pois o gosto estético não mais significa o beletrismo burguês nem a faculdade de discernimento do belo. A Estética moderna trouxe o dever da construção e do artesanato, a arte de acrescentar um objeto à natureza.

O poema “Le Signe” de Charles Baudelaire traduz o estado de espírito da sociedade urbana e veloz:

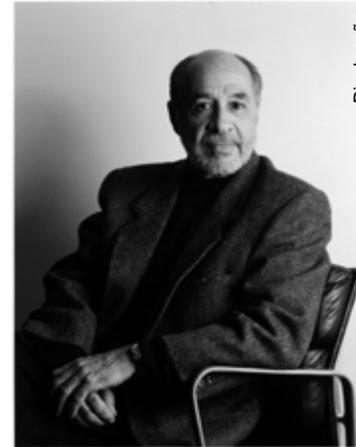
“Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie,/ Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.”

Na «Suíte das Formas Clássicas», da obra *Sete Suítes* de Antônio Fernando De Franceschi, o poeta evoca os momentos altos do passado, tempo da Bucólica, de Catulo, de Virgílio da Geórgia, da Ecloga. No poema com o título «Ecloga» o que se nota é o magistral emprego das aliterações, até o final:

«flanam falhadas
se descabelam
e em faina vã
falecem».

Segue-se «Canzone», de inspiração em Guido Cavalcanti, figura legendária.

Segue-se, no exercício extremo de preciosismo, a «Suíte das Palavras», jogo elástico de sutilezas verbais. Não falta um tributo a



Antônio Fernando De Franceschi

Mário Quintana no poema «Com leveza de pluma», cuja abertura é de escol:

«havia em seu peito
uma vontade danada
de ser passarinho
tico-tico
tico-tiquinho».

É nesse subconjunto que emerge o lúdico, quase barroco, do poema «Palavras Cruzadas».

Após, defrontamo-nos com a «Suíte Poços de Caldas», a que se apõe um subtítulo: «Cantos da montanha», e uma epígrafe de cunho dramático de Ralph Waldo Emerson:

«We learn geology the morning after
the earthquake»

No poema «Prólogo» de De Franceschi está dito, em verso terminal: «sem ânsia a montanha quer voo». No primeiro dos poemas (são cinco) pontifica a atmosfera montanhosa, de silêncio, vertigem e mistério:

«Porque mineral e epifânica
gnômica e indecifrável
solene nos mira
do avesso
mas não abre seu segredo
impossível evitar a vertigem
de seu perfil em sombra
- a montanha sempre lá
por que não a galgamos
se está à nossa frente?»

Não nos furtamos a transcrever o *gran finale* do quinto poema:

«A montanha não pede alcunha
nem aceita apelidos
nos altos de perder fôlego
seu nome é estar no mundo».

Na «Suíte dos Retratos» consagra-se a arte de olhar de fora para dentro, ao jeito de João Cabral de Melo Neto, com modulações metódicas de sinais, sentenças pseudo-descritivas, carregadas, no entanto, de questões, «na busca fértil da interna luz» (conforme «Retrato I»).

A obra *Sete Suítes* (encontramos o vocábulo «suíte» em dicionários brasileiros, não, todavia, nos portugueses) conclui-se com a «Suíte das Inquietudes», da qual emana o ar rarefeito das alturas. E a sublime reflexão de «O Paradoxo de Gödel», o reconhecimento da magnitude da Arte e da Ciência, mas igualmente a confissão modesta da incompletude, diante do mar-oceno «de estrito apuro formal».

Tantas dicções, tantos conceitos se amontoam ao longo dos versos e poemas de *Sete Suítes*. Mas o poeta não se deixa aprisionar pelo descritivo, nem pelo relatório das dores do mundo. Indica-nos, em veraz poesia, em «O sonho inacabado», que «um sonho pode durar noites seguidas// recorrendo caminho sempre igual// mas diferente». Pois a voz onírica, perante o tabuleiro de xadrez, aconselha recordar a trama das jogadas «não fosse esse jogo - completou:// um sonho inacabado». Temos, portanto, o poeta, seu valor e autocrítica. Ou melhor: a autoconsciência dos limites, ao qual o leitor atento confere amplos horizontes de intimidade com as palavras.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

Editorial



Um tempo de solidão

Rodolfo Konder

Montreal – onde vivi dois anos – fica numa região que os canadenses chamam de “cinturão da neve”. Durante pelo menos seis meses ao ano, uma grossa camada de neve cobre a cidade e suas cercanias, num inverno que mais parece um imenso monstro glacial, que chega resfolegando, com seu hálito gelado, por cima das casas, dos edifícios, das montanhas e das nuvens. Na primavera, quando o monstro se vai e a neve derrete, surgem então os corpos de muita gente desaparecida, que se perdera durante alguma tempestade, ou fora soterrada numa avalanche, ou simplesmente se deixara ficar, no desalento de uma síncope momentânea, pelos atalhos esquecidos. O sol primaveril, no Canadá, ilumina as flores que renascem; mas ilumina também muitos cadáveres.

Ao fim de mais de quinze anos de um inverno político realmente devastador, no Brasil, vivemos hoje fenômeno semelhante. O sol desta abertura primaveril faz ressurgir um pouco do verde há tanto soterrado, mas ao derreter a neve da repressão, desenterra também muitos corpos de pessoas e idéias tidas como desaparecidas. E os cadáveres insepultos nos agridem com seu cheiro insuportável.

Ao lado dos mortos sem sepultura, no Brasil de 2011, há as idéias sem sepultura. Explico: ao lado de muita gente que tombou, sob a violência do inverno prolongado da repressão política, temos também idéias que morreram, mas nunca foram enterradas. As idéias anti-democráticas, por exemplo. E elas são tantas que até dificultam o ressurgimento das flores. Senão, vejamos.

Diversos pronunciamentos registrados pela imprensa, nos últimos meses, trazem uma perigosa carga de ódio e revelam uma mesma e antiga incapacidade de se conviver com a controvérsia. Do lado dos que detêm o poder, há gente falando de cobras, lagartos e tumores malignos, para se referir às correntes de pensamento político das quais evidentemente diverge. Do lado da oposição, há discursos que lembram sessões de espi-

ritismo, porque as palavras são velhas, o tom é antiquado e os conceitos parecem cobertos de mofo.

Contaminados por mais de quinze anos de autoritarismo, por mais de quinze anos de uma verdadeira obsessão anti-democrática, todos os brasileiros se tornaram, numa boa medida, incapazes de conviver com a controvérsia. Poderiam ter amadurecido mais, se os tutores não insistissem em conduzi-los pela mão. Poderiam ter crescido mais, se os gurus, os aiatolás da política não agissem e falassem tanto em seu nome. Tratados como crianças, porém, tornaram-se criaturas dependentes, deseducadas, frágeis em sua incapacidade de duvidar, questionar, debater.

Hoje, todo mundo fala em democracia. A palavra enche as bocas, invade o noticiário, domina as manchetes. Mas soa de maneira falsa, porque são raros os que não a adjetivam. Poucos conseguem defini-la com clareza. Diante da realidade brasileira concreta de agora, diante desta sociedade extremamente complexa que nos desafia a todos com os seus enigmas, cabe a pergunta: exatamente que tipo de democracia se pretende criar?

No esforço indispensável para se encontrar o caminho correto, precisamos olhar simultaneamente para fora e para dentro. Olhar para fora, aqui, significa situar o Brasil num quadro latino-americano em franca mudança; situar o País num mundo em crise; vê-lo em suas relações com o campo dos não-alinhados, o fim do colonialismo, o declínio do império americano e da bipolaridade internacional. Mas olhar para dentro não é menos importante. E o que significa, exatamente? Olhar para dentro, no caso, é partir corajosamente para uma auto-análise, é ver se estamos de fato empenhados na libertação dos homens, na conquista da liberdade plena para todos; é ver se podemos realmente conviver com a controvérsia, se estamos aptos a respeitar opiniões diferentes das nossas, se cultivamos de maneira ampla o espírito crítico, o direito de duvidar.

Rodolfo Konder é jornalista, diretor da ABI em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME -
agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Tuitando para a Ely

Luiz Puntel

Ely, Mestre de mestres, já lá vai o tempo em que se escreviam cartas. Agora, tuitam fragmentos. Inventemos, pois, o twitter impresso.

Fui viajar, levei teu livro, o "Tempo de Colher", recentemente lançado na Paraler. No aeroporto, a moça pediu o bilhete. Não achei, disse: "Tinho não, mas vou nas asas do livro da Ely".

Quando achei o bilhete, ela disse: "Sabia que o senhor estava brincando!" Tava não, mas ela não entendeu a viagem que teu livro propõe.

Amei o prefácio do Edward, mestre querido, que nos convida justamente a viajar com teus textos, tecidos de vida, alinhavos de descobertas!

Ler teus textos é, sim, uma viagem por sentimentos, emoções, definições literárias, o que é a vida, o que é o viver! Vivamos, pois!

No vião – dirias aeronave, bem sei! -, fui sorvendo de goles teu estilo escorrido de tuitar crônicas, ora tango, ora passo doble.

Fui colhendo teus ditos malditos benditos falares das coisas da vida! Cada traulitada sobre o viver das gentes ingentes, que só, hein?

Amei teu estilo metalinguístico de explicar felicidade e solidariedade e amizade, antíteses de tantas inimizades do humano ser!

A Mestre de mestres se desnudou nas citações, nas hipóteses, nas semióticas semânticas, no linguajar metafórico, tão urgente e premente!

Cronus e Sísifo e Prometeu e deusas gregas, vestais meninas, balangavam pernas, dependurados nas linhas, trapezoidando freudianos ensinamentos.

Ah, e continuas apaixonada pelo Osman, hein? Nove, Novena, antenas de textos herméticos, o não à denotação de narrativas contar.

E lembraste de Platero, o fofó! Na adolescência, eu sabia de cor trechos do pequeno, peludo e macio burro feito de algodão, de aço e de luar!

E lembraste do luar de agosto do Rubem Braga, recriação da palavra, reinvenção do dizer, do abrir janelas para o mundo!

"Luar de agosto semeando crântemos brancos e bicicletas verdes no abril azul dos sonhos dourados da mariposa castanha."

E já que tava nos Céus – "licença, minha branca!" -, abri a janela do vião e entreguei o livro à saudosa Fátima. Ela abriu páginas tantas e leu Releituras Bíblicas. Gargalhou muito!

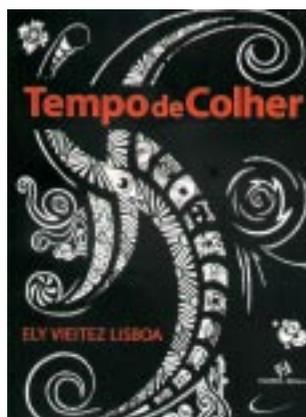
Morreu de rir de ti, toda católica, apostólica, descendo do salto alto da hermenêutica e chamando Sansão e Dalila de débeis mentais, Qls de ameba!

Gargalhou muito do primeiro caso de terceirização, Dalila sublocando o corte das tranças de Sansão a um cabeleireiro. Talvez o Gilson, do Platino?

Ah, Ely! Das coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão: tuas crônicas lidas, mensagens colhidas, biscoitos finos, infindos ditos andradianos! Salve, Impávido Colosso!

Puntel, beijobocando bocados de ternura para Ely Vieitez Lisboa, autora de "Tempo de Colher". Na Paraler tem, tá?

Luiz Puntel é escritor e professor, formado em Letras com especialização em Francês.



Dia de dentista

Odette Mutto

Chega o dentista ao consultório, ainda não são oito horas da manhã. O cliente, ou vem comboiando ou está esperando o dentista, já pronto para descarregar sobre o outro, suas dores, preocupações e fracassos odontológicos ou não. Troca de roupa o dentista e é o último minuto de descanso mental que tem, até a noite quando for dormir. A dentadura inferior que machucou e não está segurando, segue-se uma extração de terceiro molar inferior cuja coroa sumiu faz tempo, depois uma restauração que adapta sem problemas, mais uma endodontia de molar superior. O telefone e a música ambiente são o fundo musical dos monólogos e diálogos que os clientes invariavelmente mantêm. O sorriso profissional é tão presente quanto o uniforme que ele usa. O entra e sai dos garotos levando a prótese, vendedores e propagandistas, pacientes fora do dia e da hora, gente com dor e sem, outro que perdeu o pivô do central superior, e mais a mãe aflita trazendo o filho de dez anos que numa queda fraturou o central superior além da perna, vão levando o dentista ao meio dia sem ele perceber. Bem depois das doze horas lá vai ele, depressa, pegar o carro no estacionamento, enfrentar um trânsito feroz para motoristas e pedestres. Chega em casa, almoça meio atropelado, filho esperando para ir pra escola, e mais a reunião de condôminos à noite, conflitando com o cliente das dezoito horas. Passa a escova rápido nos dentes, cabelo vai como está, banho ficou para depois. Na rua outra vez tráfego difícil, filho falando de matemática, o dentista um pouco nervoso vendo a hora passar preso naquele engarrafamento. No elevador sobe com dois pacientes, o barulho do compressor carregando vem primeiro que o próprio consultório. Falam de loteria esportiva, ele acha improvável ganhar mas joga de quando em quan-

do. Atende o telefone ligeiro, já tem três esperando. Obturaçao que ficou bonita, mas a ponte móvel não é desta boca, dinheiro entrando motor de alta e baixa rotação funcionando, sugador também. Noite aparecendo, dezoito e trinta, vai chegar atrasado na reunião de condôminos, restauração fotopolimerizada ficou bonita mas que mão de obra... Passam de oito da noite, nem corre mais. A auxiliar contrariada olha todo aquele arsenal por guardar, faz cara feia, o dentista finge que não vê. Vai saindo, o cliente junto, contente porque seu dente ficou como era antes, pergunta sem parar, recebe respostas e fica na mesma, que de dentes não percebe nada, mas quer saber...

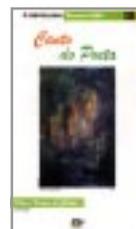
Sentado pesadamente o dentista ouve a leitura da ordem do dia: eleição para novo síndico, ninguém quer pegar o "abacaxi", alguém cita o nome dele, instintivamente recusa, de encargos está bem servido. Acaba sendo a contra gosto indicado para a comissão fiscal.

Enquanto janta a televisão ligada mostra documentário sobre saúde pública, vacinação. Sorri de leve das inverdades a respeito de flúor e dentes que o repórter vem dizendo. De repente lembra que amanhã é sexta-feira, a cliente ultra exigente está agendada para bem cedo fazer a prova das jaquetas de porcelana, quatro na bateria anterior superior, não vai encontrar nada, o forno do laboratório enguiçou. Uma ruga de preocupação vinca-lhe o rosto cansado. Não quer pensar nisto agora. Queijo e doce de abóbora não casam bem com coxas ocas inacabadas ...

Depois do jantar mexe um pouco com selos seu passa-tempo desde a infância. Logo o primeiro selo que pega o leva de volta ao seu dia a dia, Tiradentes José Joaquim da Silva Xavier, cabelo longo corda no pescoço, olha seu colega do século vinte ativa e resignadamente...

Odette Mutto é escritora e dentista.

Débora Novaes de Castro



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES
- SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -
100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais:
UM VASO NOVO...



Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Microconto

Caio Porfírio Carneiro

- Meu netinho, auxilie um pouco a vovó. Pegue aquele jornal que está em cima da poltrona e traga aqui para a vovó. Isso. A sua mãe saiu e ainda não voltou e não me deu nem o meu remédio. Agora, meu netinho, abra aquela gaveta da cômoda. Abra com cuidado e tire a caixa de óculos da vovó. Isso. Me traga aqui.

Ruído surdo de vidros partidos.

- Vó, eu pisei no óculos.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

DESPEDIDA

Débora Novaes de Castro

Chevrolet Coupê Sedan na avenida,
Aeroporto Congonhas, seu destino;
alheios a uma triste despedida,
os prédios altos, gentes, som longino.

As lágrimas na face compungida,
borbulhos da alma, fluido repentino;
meu amor, à cruzada, já de ida,
eu, cachoeira, jorrando em desatino.

Como punhal inglório ao rude feito,
nada que dizem diminui o pranto,
maior a dor saber que não tem jeito.

Fim da corrida e é chegada a hora:
abraço ardente, beijo sacrossanto
um coração que parte, outro que chora.

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes. Tese: O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, Puc-SP, 2004. Pertence às Academias Paulista Evangélica de Letras, Cristã de Letras, União Brasileira de Escritores, entre outras instituições.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Antonio Batista Pereira

Paulo Bomfim

Quando Antonio Batista Pereira faleceu, fui com Guilherme de Almeida a seu velório na cripta da Igreja de Santa Cecília.

Ao contemplar o amigo adormecido entre flores e lembranças, Guilherme segura-me no braço dizendo: - "Que desperdício! Tanta inteligência, tanta cultura, tanta generosidade, e tudo perdido!"

Batista Pereira fascinou minha mocidade. Fomos íntimos, eu com a pretensão dos trinta anos, ele com a sabedoria de seus oitenta.

Cultuou o passado, e na galeria de suas devoções destacou as figuras de Dona Veridiana, de Eduardo Prado, de Rio Branco e de Rui Barbosa. A fidelidade do gênero à memória do sogro é algo a ser lembrado. Acompanhou Rui em Haya, em Buenos Aires, em suas lutas, em suas glórias, nos sofrimentos, na alegria, no voo da águia e na convivência diária do homem com a família, com os livros, com a simplicidade. Batista Pereira, falando e escrevendo, ombreia-se com seu ídolo. O historiador demarcou veredas inaugurais, audaciosamente percorrendo os Peabirus de uma documentação desconhecida. Contou-me a jornada a pé, que ele, Julio de Mesquita Filho e Paulo Duarte realizaram de São Paulo a Santos na busca de primitivos caminhos. Seu coração gaúcho palpitou de amor por Piratininga. Em 32, durante a campanha do "Ouro para o bem de São Paulo", entrega as alianças de casamento de Rui Barbosa dizendo que sua sogra ordenara: - "Antonio, leve nossas alianças para a causa da lei e da liberdade. Rui, se fosse vivo, estaria com São Paulo". Ao final da Revolução, Batista Pereira seria prisioneiro da ditadura, na Sala da Capela, título de um de seus livros.

Amigo de Sarah Bernhardt, de Kipling, de Anatolle France, personificou a Belle Époque. Legou-me cartas, documentos e livros que não cheguei a receber. Ficaram muitos anos encaixotados e acabaram destruídos por insetos e umidade.

O mapa que fez dos primitivos fogos quinhentistas, as pesquisas sobre os muros protetores de nossa aldeia, "Vultos e Episódios do

Brasil", "Eduardo Prado, o escritor e o homem", "O Brasil e a Raça", "Civilização contra barbárie", "Figuras do Império", "Formação espiritual do Brasil", marcam a trajetória de cidadão do mundo que ingressou no Itamaraty a convite do Barão do Rio Branco.

A jovialidade do homem de oitenta anos encantava os moços que frequentavam minha casa na Avenida Ipiranga, onde semanalmente ia jantar.

Suas intuições sobre o Brasil pré-cabralino, voltam hoje a ser discutidas. Disse-me certa feita, num tom que escondia jocosidade e algo muito sério:

- A barca dos mortos, no tempo dos faraós, saía do Egito e aportava na Baía de Guanabara. O caminho mítico que os colonizadores encontraram, com pegadas impressas na rocha, não era de Tomé e sim de Tutmés.

Depois, olha para mim e pergunta:

- Com quem estou parecido?
Não tenho coragem de dizer.

Volta a carga e me desafia:

- Vamos, fale com que eu me pareço agora, no fim da vida?

Respondo finalmente:

- Com a múmia de Ramsés.

Batista sorri.

Quando estava muito doente fui vê-lo no hospital. Encontro o quarto vazio. Indago por seu ocupante, pressentindo o pior. A enfermeira me diz:

- Ele saiu escondido e foi cortar o cabelo e fazer a barba, no Automovel Club.

Volto novamente para visitá-lo. Vou acompanhado de seu filho Paulo. Vendo-nos chegar indaga:

- O que vieram fazer aqui hoje?

Eu faleci ontem!

No dia seguinte o telefone soa como um dobre de sino. A sala onde recebo a notícia, em "A Gazeta", subitamente é invadida por suave perfume de água de colônia. Isabel e Bráulio, meus assessores, entreolham-se perplexos. Na hora em que desligo o telefone, o cheiro da água de colônia que Batista Pereira usava, desaparece!

Paulo Bomfim é escritor,
poeta e membro da Academia
Paulista de Letras.

O abraço histórico de Moacyr Scliar

Nildo Carlos Oliveira

Em época de predomínio absoluto de uma literatura de importação, é gostoso embarcar em romance como esse, *Eu vos abraço, milhões*, do gaúcho Moacyr Scliar. A história, engenhosa, escrita com mão de mestre, contada de avô para neto com uma sensibilidade à flor da pele para captar e unir a linguagem à cor local, nos coloca frente a frente com figuras históricas, fatos verossímeis ou não, e idéias que a pressa e a chamada modernidade dos dias atuais tornam difusas, quase obscurecidas.

E, no entanto, aquele passado, é o passado em que muitos de nós nos movimentamos ou do qual, em fases posteriores ao tempo do romance, sofremos os reflexos literários, sociais e políticos. A década de 1930 avançou, com todos os seus conflitos, sobre a década seguinte e esta, com seus fantasmas e generosas promessas de um pós-guerra socialmente solidário, calibrou o comportamento e ideário político de várias gerações, até a denúncia dos crimes do stalinismo e queda fragorosa do Muro de Berlim.

Scliar conta a história do jovem Valdo, nascido nos pampas gaúchos e que, revoltado com as arbitrariedades de um estancieiro, e induzido pelos ideais libertários manifestados por um amigo, resolve sair do Rio Grande do Sul, procurar ocupação no Rio de Janeiro e ingressar no Partido Comunista, se possível, pelas mãos do líder partidário e intelectual Astrojildo Pereira.

Há, contudo, desvios no meio do caminho. O amor por Maria Clara, por exemplo, que pretendia ser chamada por Valdo, de Capitu; os dias passados na casa de outro comunista, Hércules, enquanto aguardava o momento de ser apresentado ao notável crítico literário; o ingresso de Valdo nas obras de construção do Cristo Redentor, “projeto selecionado em concurso público realizado em 1923, vencido pelo engenheiro Heitor da Silva Costa”; e o relacionamento com Rosa, a revolucionária que pretendia utilizá-lo como instrumento para implodir o Cristo Redentor, no momento em que ele estivesse sendo inaugurado.

Mas nada disso aconteceu. Vítima de um atropelamento, o jovem acordaria no hospital e ali ficaria sabendo da apoteótica inauguração, dos discursos de Getúlio e do cardeal dom Sebastião Leme. Até leu a notícia no *Diário da Noite*: “... de dentro da massa de nuvens, as fulgurações de luz romperam bravamente a escuridão da noite. Três minutos após, os rolos pardacentos se dissipavam e o Cristo, branco, com as suas mãos imensas de perdão e de ternura, fulgia no topo da montanha, inundado de claridade”.

Recuperado, voltou para Porto Alegre, passando a exercer o ofício que aprendera em sua temporada no Rio: eletricitista. Formou família, criou filho e neto e viu chegar o período do golpe militar de 1964.

É um romance de formação. No cenário da história política daqueles tempos relaciona ocorrências memoráveis: a eleição de Júlio Prestes, que desencadeou um movimento revolucionário envolvendo políticos gaúchos – Getúlio, Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, Lindolfo Collor; o assassinato de João Pessoa, candidato derrotado à vice-presidência na chapa da Aliança Liberal e o manifesto, *O Rio Grande de pé pelo Brasil*, lançado por Getúlio.

Mas não é um romance político. No fundo, retoca a fotografia de uma geração na qual muitos de nós nos encontramos, como se estivéssemos colocando a cara diante de um espelho. Embute o viver cotidiano na história da época e nos faz rever personagens e situações que somente a ficção pode deixar tão próximos de nossa lembrança. Eles estão ali, tão perto de nós, que até parece respirarem ao nosso lado.

E a história que Scliar narra ao neto repassa a sabedoria dos que muito viveram e, vivendo, aprenderam como acumular a riqueza das lembranças: combinando a vivência exterior, com a vivência interior, “representada pela recordação e pela reflexão”. Resumindo: um livro bonito, inteligentemente estruturado, com uma capa inspirada. Lançamento de 2010, da Companhia das Letras. Boa leitura.

Nildo Carlos Oliveira é escritor, jornalista e consultor editorial.



Moacyr Scliar

Divulgação

Flamboyant

Fora Figueiredo

Todo ano ele se encosta largo e plácido no canto esquerdo da janela;
todo ano ele me acena com seus flocos gordos, vermelhos e inócuos.
A seu modo, manso me interpela.
Invariavelmente, o Flamboyant me encanta e me intimida.
Vem chegando novembro,
já o percebo adornando-me a vidraça.
Repete-se o cenário, a história passa.
Mas o que foi que eu fiz com minha vida?

Fora Figueiredo é escritora, poeta e tradutora.

E AS FLORES...?

Edson Freire

Olho uma flor. Depois, outra. Muitas e muitas delas. Daí, fico pensando.

A origem, a feitura, a significação, a beleza, - na história de cada uma, - tudo isto ativa minha curiosidade. Quantas cores, quantos odores! Quantas partes e formas nos seus desenhos!

Aberta para o convite aos nossos olhos e imaginação, cada flor é uma expressão de suprema arte. Confecção artística que nos atrai, nos fascina, até nos espanta, quando algumas delas apresentam uma impressionante quantidade e intensidade de nos detalhes.

Tanta exibição aos nossos sentidos!

Na variedade, ainda que nossa predileção se manifeste, não há flor mal feita, não há flor feia.

Desde as rosas espalhadas pelos jardins das cidades, até as margaridas nativas na extensão dos campos ou lírios às margens dos rios ..., - todas as flores para mim são criaturas que mais confirmam a existência dos milagres. Milagres, no tempo e no espaço, como obra prima do Criador!

Sonhei, numa dessas noites, que encontrei uma flor. No nosso diálogo, exaltei sua beleza, ao senti-la mais perto. Foi quando pude ouvir: “Toque-me com carinho. Como oferta minha, o meu perfume lhe seja grata resposta.”

Edson Freire é escritor e poeta.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

- 1- Coloque (C) ou (E)
 O crime aconteceu há dez anos atrás.
 Preferi ir do que ficar.
 Vendeu uma grama de ouro.
 Ela era meia louca.
 A feira inicia amanhã.

Todas estão erradas.
Há e atrás indicam passado na frase.

Use apenas há dez anos ou dez anos atrás.

Prefer-se sempre uma coisa a outra.

Grama, pesa, é palavra masculina: um grama de ouro.

Meio, advérbio, não varia: meio louco.

Alguma coisa se inicia: A feira inicia-se amanhã.

2- Qual destas palavras está grafada corretamente?

Previlégio, beneficente, ascensão, empecilho e paralizar.

Resposta: empecilho.



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Fundamento e Construção

Pedro Lyra

Anderson Braga Horta. *Signo – Antologia metapoética*. Brasília, Thesaurus, 2010. 254p.

Ao tentar, no ensaio “A poesia na pós-modernidade” (publicado com o título de “O lugar da poesia” no jornal *Rascunho* nº 97. Curitiba, maio de 2008, p.20-21), identificar a atitude dominante na Poética de cada momento histórico, aponte o *investigar para conhecer*, como típico do Clássico, na sua busca preferencial pela Verdade do ser; o *expressar para fruir*, como típico do Romântico, na sua obsessão pela Beleza; o *denunciar para transformar*, como típico do Realista, no seu empenho por Justiça social; e o *conhecer-se para justificar-se*, como típico do Moderno, em decorrência do transe da poesia, banida do cotidiano das pessoas comuns pela cultura de massa triunfante. (Do Pós-moderno, considerando a banalidade da sua poética, aponte apenas a *performance pela performance*.)

A metapoesia – aquela peça que é, ao mesmo tempo, o fundamento e a construção de uma poética – foi praticada em todas as fases dessa evolução, mas foi só na modernidade que ela, diante das exigências de consciência técnica impostas ao poeta contemporâneo pela racionalidade da cultura tecnocrônica, assumiu o caráter de forma típica. Todos os grandes poetas modernos (e não apenas em nosso país) deixaram a sua visão da poesia e da função do poeta não em longos ensaios, mas em bem elaborados poemas. Logo nos primórdios, foi Bandeira, com sua renovadora “Poética”; no grupo de 30, foi Drummond, principalmente com sua bem sucedida “Procura da poesia”. Na geração de 45 estão os dois mais contumazes praticantes: João Cabral, em quase todos os seus livros, e Gilberto Mendonça Teles, particularmente em *Arte de armar*.

A geração seguinte, a de 60, desenvolveu a tradição: Carlos Nejar, Affonso Romano de Sant’Anna, Ivan Junqueira, Marcus Accioly, Fernando Py, Ildásio Tavares, Reinaldo Valinho Álvares, Adriano Espínola, Roberto Pontes, Linhares Filho, Marly de Oliveira, Adélia Prado, Olga Savary, Neide Archanjo (e tantos outros, que reuni em *Sincretismo – A poesia da Geração-60*. Rio, Topbooks, 1995) apresentam uma considerável quantidade de bons poemas que exploram a própria poesia.

Pois agora outro expressivo nome dessa geração acaba de reunir num volume de 254 páginas todos os metapoemas que escreveu ao longo de mais de meio século da sua trajetória – dos 16 aos 76 anos: Anderson Braga Horta, radicado em Brasília, no livro *Signo – Antologia metapoética*.

“Trajetória” é bem a palavra para condensar este livro. Na apresentação, o poeta declara “a intenção de traçar uma trajetória – em que estão representadas as tendências do século, desde o romantismo tardio dos primeiros poemas até à profissão de fé simbolista de “Gênesis”, desde o ideologismo da lira social até o formalismo das vanguardas mais recentes” (p.7).

Assim, ele divide o conjunto em 4 blocos: no 1º, que intitula o próprio livro e ocupa mais da metade do volume, reúne “poemas voltados para a linguagem, a palavra, a criação, o canto, o poeta”; no 2º) “Celebrações”, homenageia poetas da sua família literária, com “peças que se debruçam sobre a inspiração de outros poetas”, numa atitude rara pela elegância do reconhecimento da dívida para com antecedentes ou companheiros; no 3º) “Sonetos de Guilherme de Almeida”, reincide na tentação que assaltou alguns outros poetas: a de consumir os que o Príncipe deixou restritos às “Chaves-de-ouro para 11 sonetos que não foram escritos”, de *Poesia vária*; no 4º) “Notas e fragmen-

tos”, justifica em verso e em prosa a prática metapoética: “Meditar sobre poesia pode equivaler, nalguns momentos felizes, a fazer poesia” (p.8). Claro que equivale – e qualquer poeta-crítico endossa e comprova a tese: não são tão raros os casos em que um poema gerou um ensaio e/ou de um ensaio se extraiu um poema.

Na primeira nota, ele esboça um amplo conceito de poesia, caracterizando-a intuitivamente sob os três estados em que ela pode se apresentar: 1º) como *potência*: “o que [o poeta] percebe (ou que vive)”; 2º) como *processo*: “o convívio silencioso, o que sinto, ou pressinto”; 3º) como *objeto*: “um pobre artefato” (o poema) “que não retém a poesia” (p.230). Como esses três estados são rigorosamente os três que, pelos termos em *italic*, identifiquei no livro *Conceito de Poesia* (São Paulo, Ática, 1986), permito-me discordar da terceira proposição: pois o objeto resultante do processo não é assim tão “pobre” e muitas vezes “contém a poesia”, sim. Exatamente como no próprio Anderson.

Aí estão alguns fundamentos da sua poética. Quanto à construção, deduz-se deles: uma poesia



diversificada, de um contido lirismo (como nos sonetos de Guilherme, p.215-225) a um forte protesto (como no antológico “Um sonho”, inspirado no lema de Martin Luther King, p.166) numa sempre elevada dicção, do verso metrificado ao livre, com forte presença do soneto heróico ou alexandrino – forma em que (não obstante o peso da métrica e da rima em alguns casos) ele atinge altos momentos, como em “O bem e o belo” desta antologia (p.175) e em vários outros dos demais livros, claro que sobretudo em *Soneto antigo*, de 2009.

Pedro Lyra é poeta, crítico literário, professor e Doutor em Poética.

Notícias de Piracicaba

Adolpho Queiroz, ex-presidente da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – presidirá a 38ª edição do Salão Internacional de Humor de Piracicaba. O cartaz de lançamento do Salão será criado pelo cartunista piracicabano Willian Hussar. O evento será realizado de 27 de agosto a 16 de outubro.

A Agenda Cultural Piracicabana, coordenada por Ana Marly de Oliveira Jacobino, publicou texto do Capitão Gaspar no blog <http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com/>.

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, está programado para o dia 15 de março, às 19h30, no Teatro Municipal Losso Netto, Centro. O evento, que contará com participação do Regional do Sarau Literário Piracicabano, prestará homenagem a Chiquinha Gonzaga e a Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba. <http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com>

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba realizará reunião no dia 14 de março, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto. <http://golp-piracicaba.blogspot.com/>

A Tribuna Piracicabana mantém há 11 anos a página literária semanal *Prosa e Verso*, idealizada por Ludovico da Silva, editada em parceria com Ivana Maria França de Negri. A página divulga textos dos membros do Grupo Oficina Literária de Piracicaba – GOLP, de poetas piracicabanos e de outras cidades.

Letícia Vidor de Sousa Reis lançou *O Mundo de Pernas para o Ar: a Capoeira no Brasil*, pela Publisher Brasil, no dia 12 de fevereiro, no SESC Piracicaba.

Poesia ao Vento, com a mediação de Irineu Volpato homenageou Álvares de Azevedo (1831-1852). O evento foi realizado no dia 18 fevereiro no SESC Piracicaba.

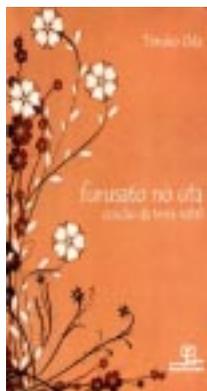
LIVRARIA BRANDÃO 

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

Lançamentos & Livros



Furusato no uta: canção da terra natal, de Teruko Oda, Escrituras Editora, 64 páginas, São Paulo.

A autora é escritora, poeta, haicaísta, fundadora do Grêmio Haicai Ipê e coordenadora do Concurso Brasileiro de Haicai Infante Juvenil - organizado pelo Grêmio de Haicai Ipê.

Segundo Paulo Franchetti, no prefácio da obra, "Não há aqui uma canção da terra natal, mas várias canções que se vão sucedendo. Uma retorna da outra o tom, a cadência ou o motivo".

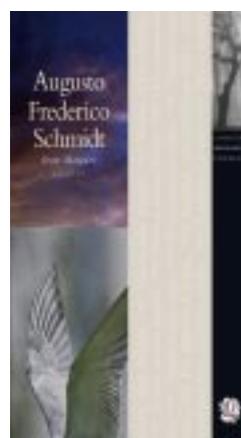
Editora Escrituras: www.escrituras.com.br

Amazônia: o massacre e o legado, ensaios de Jorge Tufic, Coleção de Textos da Madrugada, Expressão Gráfica Editora, 80 páginas, Fortaleza.

Jorge Tufic é poeta, escritor, membro da Academia Amazonense de Letras, Clube da Madrugada e do Conselho Estadual de Cultura. Autor da letra do Hino da Amazônia e de vasta obra literária. Participou de coletâneas nacionais e internacionais.

Conforme José Ribamar Mitoso, na apresentação da obra, "Seu estilo ensaístico é brilhante. Segundo a estética literária inaugurada por Tchecov, as palavras dizem, não dizendo, trazem um sentido subterrâneo como a verdade do rio.

Jorge Tufic: jorgetufic@hotmail.com



Melhores Poemas - Augusto Frederico Schmidt, de Augusto Frederico Schmidt, Editora Global, coleção Melhores Poemas, 256 páginas, São Paulo. Os poemas foram selecionados por Ivan Marques. A diretora da coleção é Edla Van Steen.

Para o doutor em Literatura Brasileira pela USP e ex-diretor dos programas Entrelinhas e Metrôpolis da TV Cultura, "Schmidt foi, sem dúvida, o mais influente dos nossos poetas católicos, o verdadeiro patrono da vertente literária denominada "espiritualista", que regiu na poesia contra o Modernismo de 1922 e na prosa contra o neorrealismo do romance de 30.

Editora Global: www.globoeditora.com.br

Valores e Amores, Carlos Ernani Palheta Nunes, Editora Camila, 134 páginas, São Paulo.

O autor é escritor, musicista, compositor, organista e professor.

A obra reúne histórias e textos românticos, criados em comemoração a Bodas de Ouro do Casal Nunes, que levam o leitor a reflexões sobre a importância da integração dos valores e do amor. O prefácio é da empresária e jornalista Sonia Mateu.

ISBN: 978-85-901397-3-7



Concursos

Prêmio São Paulo de Literatura 2011, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, através da Secretaria de Estado da Cultura, está com inscrições abertas até o dia 4 de abril para livros escritos em língua portuguesa, no gênero romance, editados e comercializados no Brasil em 2010. Categorias: *Prêmio São Paulo de Melhor Livro do Ano de 2010* e *Prêmio São Paulo de Melhor Livro - Autor Estreante do Ano de 2010*. Premiação: R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para o Melhor Livro do Ano de 2010 e de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) para o Melhor Livro - Autor Estreante do Ano de 2010. Serão descontados os impostos previstos por lei. Informações: Rua Mauá, 51 – Térreo. Telefones: (11) 2627-8268 e 2627-8145, das 10h. às 17h. E-mail: fomento.sec@gmail.com. Edital e ficha de inscrição no link <http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.e99818a788c00ec40fc55410e2308ca0/?vgnnextoid=bbdc4a3c667bb110VgnVCM100000ac061c0aRCRD>.

Concurso Prêmios Literários Cidade do Recife – 2011, promovido pelo Conselho Municipal de Política Cultural e Secretária de Cultura da Cidade do Recife, está com inscrições abertas até o dia 31 de março. Categorias: *Prêmio Lucilo Varejão - melhor livro de ficção* (novela, romance ou contos), *Prêmio Elpidio Câmara - melhor peça teatral*, *Prêmio Eugênio Coimbra Júnior - melhor livro de poesia* e *Prêmio Jordão Emerenciano - melhor livro de ensaio*. Premiação: R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) para o primeiro colocado de cada categoria. As obras dos vencedores serão editadas pela Fundação de Cultura Cidade do Recife. Os trabalhos, com no mínimo de 50 páginas, deverão ser apresentados em papel de formato A4, em três vias digitadas, numeradas e encadernadas. É obrigatório o uso de pseudônimo. Conselho Municipal de Política Cultural, Rua das Águas Verdes, 8 - Pátio de São Pedro, s/nº - São José - 50010-340 - Recife - PE. Informações no site www.recife.pe.gov.br.

12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães está com inscrições abertas até 1 de junho para textos inéditos. Os interessados poderão inscrever até três contos, em quatro vias, em papel formato A4, digitados numa só face do papel, em espaço 2, fonte Times Roman, tamanho 12. É obrigatório o uso de pseudônimo. Os nomes dos vencedores serão divulgados na abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura, que será realizada no dia 22 de agosto de 2011, no Circo da Cultura de Passo Fundo. Premiação: Troféu Vasco Prado, R\$ 5.000,00 (1º lugar) e R\$ 3.000,00 (2º lugar). Os contos premiados poderão ser editados em antologia organizada pelo Instituto Estadual do Livro, a ser publicada em coedição com a Fundação Universidade de Passo Fundo e Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Universidade de Passo Fundo - 14ª Jornada Nacional de Literatura - Centro Administrativo, Campus I - BR 285 KM 171 - Bairro São José - 99001-970 - Passo Fundo - RS. Informações: Telefax: (54) 3316-8368. E-mail: jornada@upf.br. Site www.jornadadeliteratura.upf.br.

9ª edição do Concurso de Contos, promovido pelo Instituto Popular de Arte-Educação e Biblioteca Leverdógil de Freitas, está com inscrições abertas até o dia 31 de março. Categorias: Juvenil, de 13 a 17 anos, e Adulto, de 18 anos em diante. O tema do concurso é livre. Os concorrentes poderão enviar até três contos inéditos, em cinco vias digitadas, com no máximo três laudas, em papel tamanho A4, espaço simples, usando formato de letra Arial ou Times New Roman, fonte 12. É obrigatório o uso de pseudônimo. Ficha de inscrição: www.ipdae.org. Premiação: Publicação de antologia com os dez textos selecionados de cada categoria. O material deverá ser enviado para a Biblioteca Leverdógil de Freitas, Av. João de Oliveira Remião, 7.193 - Parada 18 - Lomba do Pinheiro - Porto Alegre- RS - 91560-000. Informações: Tel.: (51) 3337-3613. concursodecontos@ipdae.org

Concurso de Crônicas Laura Ferreira do Nascimento, promovido pela Associação de Cultura e Turismo de Maracá e Associação de Defesa e Proteção do Patrimônio Público e dos Direitos do Cidadão de Maracá/SP, está com inscrições abertas até o dia 30 de junho para originais inéditos. Cada concorrente poderá participar com apenas um trabalho, com tema livre, com no máximo duas páginas, em cinco vias, digitado com fonte Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5 entre as linhas e todas as margens medindo 3 cm (três centímetros). É obrigatório o uso de pseudônimo. Regulamento: <http://www.concursosdecronicas.blogspot.com/>. Premiação: 1º lugar - R\$ 1.000,00, 2º lugar - R\$ 500,00, 3º lugar R\$ 250,00, 4º lugar - R\$ 150,00 e 5º lugar - R\$ 100,00.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias

Divulgação



Antonio Penteado Mendonca

A Academia Paulista de Letras empossa nova diretoria no dia 24 de fevereiro, quinta-feira, às 19 horas, no Teatro da Academia, Largo do Arouche, 325, em São Paulo. A entidade será presidida pelo advogado, articulista, cronista, radialista e vice-presidente do Conselho de Administração do CIEE Antonio Penteado Mendonca. Diretoria: José Renato Nalini, secretário-geral; Fernando Antonio Figueiredo, primeiro-secretário; Anna Maria Martins, segunda-secretária; Paulo Nathanael Pereira de Souza, primeiro-tesoureiro; José Pastore, segundo-tesoureiro; Gabriel Chalita (Comissão de Contas); Hernani Donato (Comissão de Bibliografia e Publicações) e Francisco Marins (Comissão de Lexicografia).

Gastronomia Sertaneja – receitas que contam histórias, de Ana Rita Suassuna, com prefácio de Ariano Suassuna, Editora Melhoramentos, apresenta receitas que compõem a mesa de famílias pobres e abastadas do sertão, os pratos tradicionais de festas, e os hábitos e contextos que eles carregam.

Nelson de Oliveira, com o romance *Poeira: Demônios e maldição*, foi laureado com o 52º Prêmio Literário Casa das Américas na categoria Literatura Brasileira. Mariana Ianelli e Orlando Senna receberam menções honrosas.

Sonia Salles tomou posse como associada correspondente do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, no dia 28 de janeiro, na sessão Magna comemorativa dos 149 anos de fundação e dos 357 anos da Restauração Pernambucana.

Manoel Hygino dos Santos, cronista do *Jornal Hoje em Dia*, foi agraciado com a Medalha Grau Ouro e o Certificado “Cronista do ano do Estado de Minas Gerais”, pelo Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais de Minas Gerais, com sede brasileira no Rio de Janeiro e Chancelaria Internacional na Ilha da Madeira – Portugal.

Campos de Carvalho, escritor, ensaísta e romancista, que nasceu em Uberaba, em 1 de novembro de 1916, e faleceu em 10 de abril de 1998, em São Paulo, terá sua obra relançada pela Editora José Olympio. *A lua vem da Ásia*, *Vaca de nariz sutil*, *A chuva imóvel* e *O púcaro búlgaro* são alguns dos romances que serão reeditados.

A Aldrava Letras e Artes conferiu o Diploma de Mérito Literário ao escritor Luiz Gondim, por ser o primeiro poeta a produzir a nova forma poética do Aldravismo - Aldravia.

Fábio Lucas lançará *Ficções de Guimarães Rosa – perspectivas*, pelo Selo Amarilys, no dia 17 de março, a partir das 18 horas, na Academia Paulista de Letras, Largo do Arouche, 312/324, em São Paulo.

A 11ª Feira do Livro de Ribeirão Preto, programada para acontecer de 28 de maio a 5 de junho, homenageará José Saramago.

Xavier, que criou o logotipo e os selos do jornal Linguagem Viva, faz capas de livros, ilustrações, desenhos, charges e caricaturas. Os interessados poderão entrar em contato através do e-mail xavierlima@terra.com.br ou pelo telefone: (11) 2204-0098.

Reynaldo Jardim, jornalista, poeta e editor do *Suplemento Dominical do Caderno de Domingo* e do *Caderno B do Jornal do Brasil*, faleceu no dia 1 de fevereiro, em Brasília. O autor de *Sangradas escrituras* nasceu no dia 13 de dezembro de 1926, em São Paulo.

Leodegário de Azevedo Filho, ensaísta, filólogo e professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faleceu, aos 83 anos, no dia 30 de janeiro, no Rio de Janeiro, vítima de infarto renal. Autor de *O Cânone Lírico de Camões*, entre outros livros, publicou a *Lírica (Éclogas, Oitavas, Elegias em Tercetos, Odes e Canções)* de Luís de Camões, pela Editora Imprensa Nacional Casa da Moeda do governo português.

João Correia Filho, lançou *Lisboa em Pessoa – Guia turístico e literário da capital portuguesa*, pela Editora LeYa. A obra é preparada a partir das indicações de um dos moradores mais conhecidos da capital lusitana - o poeta Fernando Pessoa.

O Núcleo de Criação Literária de João Silvério Trevisan realizará oficinas literárias, com início no dia 12 de março, sábado, das 10 às 13 horas, no Centro de Cultura Social, Rua General Jardim, 253 - sala 22, em São Paulo. Informações: jstrevisan@uol.com.br.

Oscar Fussato Nakasato foi laureado com o 1º Prêmio Benvirá de Literatura, promovido pela Editora Saraiva, com o romance *Nihonjin*. Nakasato receberá a importância de R\$ 30 mil e terá o livro lançado, em abril, pelo selo Benvirá.

Hierofania: o teatro segundo Antunes Filho, de Sebastião Milaré, Edições SESC SP, foi um dos vencedores da 3ª edição do Prêmio Cooperativa Paulista de Teatro na categoria Publicações.

Mario Vargas Llosa, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura 2010, está com estante exclusiva na Livraria da Folha. *Sabres & Utopias* e as primeiras edições do autor: *A Cidade e os Cachorros*, *A Casa Verde e Pantaleão* e *As Visitadoras* são alguns títulos expostos. www.livrariadafolha.com.br

Zulmar Wernke, eleito em 28 de janeiro, presidirá a Câmara Mineira do Livro para o biênio 2011/2012.

LINGUAGEM VIVA
www.linguagemviva.com.br

 Edição impressa
on line

(11) 2693-0392 - 7358-6255

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

